

REDACTOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Proprietário da Construção Civil do Tchalle *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 22-A, 2.
Lisboa - PORTUGAL

Enc. teleg. Tchalle - Lutec - Telefone: 1

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Um dia de festa

Nos mal pregados corretos armados em diversas praças da cidade, tocarão hoje as bandas militares o hino evocador da restauração portuguesa efectuada em 1640. Grande acontecimento, o de 1640? Apenas um acontecimento próprio da sua época. A gente de hoje conhece o caso através dos compêndios de história, ou através das tradições conservadas de geração em geração. Certo é, porém, que não vibra já a alma popular na evocação do feito heróico dos conjurados. E à volta dos corretos mal pregados onde hoje as bandas militares assoprão o hino adequado, parará uma multidão desinteressada, indiferente, glacial. A importância dos factos esmorece na profundidade do tempo, e quem, daqui a pouco, quiser visitar o palácio Almada, onde a patriótica conjuração se tramou, terá de atravessar primeiramente a sentina pública com que a câmara municipal lhe manda observar a entrada. Uma profanação assim já não indigna ninguém. E as notas épicas do hino outrora devotamente ouvidos, soam falso agora e, se arranhão o ouvido, não alcançam já o caminho da alma, desalinadas moralmente como se tornariam.

A cada época histórica corresponde uma aspiração que impulsiona o povo e o leva para os esforços máximos. A aspiração de hoje é de liberdade; aspiração tanto mais prezada quanto se torna dura a opressão que a todos vem pungindo. De 1640 para cá melhora-se, é certo, sob o ponto de vista político, e pretender o contrário equivale a proclamar que a estruturação social, quando a verdade é que o mundo avança,

impulsionado por milhões de esforços dispersos mas concordantes. Mas as novas modalidades da predominância burguesa trouxeram ás populações um recrudescimento do mal estar económico. E, assim, sobre a questão económica, que é a face primaz da questão social, se concentra a atenção de todos nós. Empalidecem as tragédias do passado na expectativa das grandes lutas do futuro. E é para o futuro que os olhos da multidão estão voltados.

O hino de 1640... Mas é como podem ouvi-lo aqueles em cuja alma um outro hino canta triunfal, o hino da esperança numa alforria próxima? O hino dos conjurados comemora uma vitória que não é a dos escravos. E estes, na dura época que decorre, flagelados pela miséria, abatido o dorso pelas explorações múltiplas que o vitimam, concebem ideias novas. Por elas combaterá. Com a fé que o anima vencerá. Os conjurados do palácio Almada pretendem salvar uma pátria. Os conjurados de hoje intentam salvar a humanidade. Salvá-la de todas as tiranias, de todas as algemas, de todas as peias que lhe empeçam a evolução. Salvá-la ainda da mentira que a corrompe, do preconceito que a embrutece, do dogma que lhe paraliza o funcionamento da razão. Salvá-la ainda do paraíso que o suga, burguês, comedor de carne ou tributador.

Por tudo isto será o hino de 1640 escutado hoje com plena indiferença. Festas... Não vão bons os tempos para elas. Para mais, afastando-se de uma população que, estacionada social, quando a

mingue de tudo, se abisma na mais cruenta das tristezas.

NA GRAN-BRETANHA

Como se pensa realizar a nacionalização das indústrias

(Serviço especial para A BATALHA)

LONDRES, 29.—O governo propôs ao Estado, e também se evitou a execução de um amplo programa duma indústria exclusivamente em benefício de um sindicato.

Este sistema tem certo aspecto de monopólio, embora não se possa dizer que seja por completo. Nas indústrias minerais e ferroviárias, especialmente a exploração e gerência é bastante fácil, contando com um pessoal puramente técnico, e além disto as suas organizações operárias estão mais adaptadas que as demais ao modelo gremial.

Se se realizasse o projeto da Federação dos Mineiros, acercar-se-ia bastando ao ideal gremial, e o novo projeto do governo sobre os ferroviários, ou seja a fiscalização mista de diretores e trabalhadores, é um progresso no caminho para o dito ideal.

Nada há que possa alarmar em tudo isto, sempre que as transformações se operem gradualmente e que a opinião se compreende as suas vantagens.

O programa integral do socialismo gremial não pode ser adoptado duma vez; porém os progressos encaminhados para o dito fim podem ser uma das formas que revista o novo regime industrial.

A ideia principal da teoria é que o Estado deve ser o proprietário das principais indústrias, mas que o elemento trabalhador, em cada indústria, deve assumir a fiscalização absoluta das mesmas, organizando-se em forma de sindicatos. Com este processo evitam-se os prejuízos da intervenção burocrática.

Uma cara e difícil

subida do preço da farinha

ALDEIA NOVA DE S. BENTO, 26. — Tinhamos noticiado que a Associação dos Trabalhadores Rurais lhe rai para protestar contra a subida do preço da farinha de 2546 para 2590. Esta subida só durou três dias por haver alguém de bom critério que se opôs que a fábrica de moagem por irrição denominada o Futuro da Aldeia Nova, tivesse por diana tam descarado roubo. Em virtude dessa resolução os rurais não protestaram, aguardando oportuna oportunidade para reclamar mais salário.

Em Viana do Castelo

Sebastião Diogo, negociante de Afife, recebeu há dias um vugio de milho clandestinamente e continua recebendo em menores quantidades outras remessas do mesmo cereal. Consta naquela freguesia que é para vender nos meses de março e abril aos famintos pelo barbáro preço de 6800 cada alqueire (14 quilos). Além disso dizem que, como esse indivíduo tem alambique em casa, o está queimando para fazer alcool.

Seria bom que as autoridades fiscais fizessem o caso e, vissem se o dito cratista para vender para o que queimar.

A careta em Rezende

José Augusto de Sá, de Rezende, escreve-nos indignadíssimo contra a alta

maravilhante do preço dos gêneros, origi-

A "Vitória" bolxeviza-se...

No diário republicano A Vitória surpreendemos ontem um editorial, em que aquele periódico manifesta assustadores sintomas de bolxevite aguda, o que para os tempos que vão correndo é um pouco perigoso para quem gosta das simpatias dos poderes públicos e é considerado um jornal sério, digno de ser soletrado pelo burguês pacato. Nesse artigo estabelece-se o princípio de que a propriedade privada não pode ofender os interesses sagrados da colectividade; daí ao reconhecimento de que iniqua é a actual divisão das riquezas, dista apenas um passo, um passo aliás muito curto. Para que os nossos leitores possam apreciar esse naco de prosa, aqui o transcrevemos na íntegra, não o alterando numa vírgula:

Costuma o povo dizer, na sua linguagem extremamente simplista, que para os grandes males, grandes remédios. Se meditarmos um pouco na situação criada em quaisquer das ruínas da guerra, abrindo-se em confronto o golpe rápido, os aspectos que aí apresentam ficam claros.

Quem para este grande mal que a humanidade sofre só se encontrará tentado e cura num grande remédio. O talento dos homens de Estado consistirá em sabê-lo.

Uma ação que se pode fazer, na plena consciência de que o decorrer dos acontecimentos não virá senão confirmar a intenção.

As dificuldades económicas que dão um agravio em todo o mundo, criam um grande mal bem podendo ser curado de forma rápida, e aí se encontra a solução das velhas formalidades do passado, sobretudo, dentro da rigida concepção do direito de propriedade em que aí se encontra a base assente.

Seria interessante uma tentativa eficaz de conciliação entre as imposições da crise que atravessamos e os interesses conquistados e adquiridos pelo reconhecimento daquele direito se os detentores da propriedade e do capital, compreendendo, naturalmente, o aspecto da revalorização social que se desenrola, conseguem obter a sua voluntária abdicação dum parte das regalias que distinguiam trabalho e sacrificio.

Infelizmente para eles, está visto—ainda mais—que a ação que se aconselha assim. O que nos vemos da parte dos proprietários de terras dos donos das fábricas, das indústrias, dos mediários do comércio é uma ánsia cada vez maior de ganho, é o desejo dia a dia mais sófregos de acumular nos cantos dos cofres os seus valores, mais dinheiro, mais papéis, sem se lembrarem que o luxo assim ameaçado vai humedecido com lágrimas de miséria.

Pois bem! Nem esta situação se pode prolongar indefinidamente por esse mundo fúria, nem os agricultores, industriais e comerciantes, capitalistas e proprietários, podem suportar mais a crise que a sua concepção dum direito que é a causa de

desordens e sofrimentos. Há que estabelecer no direito de propriedade o limite que torna marcadamente o direito mais alto, que tem quem

trabalha por conta dos potentes da

polícia secreta, e que se desculpa com a

trabalhadora por conta da classe patronal.

Por ser hoje dia de feriado oficial, não se publica nenhum outro jornal, os nossos escritórios e oficinas estão fechados, não se publicando A BATALHA amanhã.

A festa da "Bandeira Vermelha",

Conforme noticiámos, na secção da Construção Civil de Belém, efectuou-se ontem uma festa cujo produto reverteu em auxílio do nosso prezoado colega A Bandeira Vermelha. A esparsa sala de espectáculo esteve bastante concorrida, restando sempre o maior entusiasmo, e além disto a sua organização.

Este sistema tem certo aspecto de monopólio, embora não se possa dizer que seja por completo. Nas indústrias minerais e ferroviárias, especialmente a exploração e gerência é bastante fácil, contando com um pessoal puramente técnico, e além disto as suas organizações operárias estão mais adaptadas que as demais ao modelo gremial.

Se se realizasse o projeto da Federação dos Mineiros, acercar-se-ia bastando ao ideal gremial, e o novo projeto do governo sobre os ferroviários, ou seja a fiscalização mista de diretores e trabalhadores, é um progresso no caminho para o dito ideal.

Nada há que possa alarmar em tudo isto, sempre que as transformações se operem gradualmente e que a opinião se compreende as suas vantagens.

O programa integral do socialismo gremial não pode ser adoptado duma vez; porém os progressos encaminhados para o dito fim podem ser uma das formas que revista o novo regime industrial.

A ideia principal da teoria é que

o Estado deve ser o proprietário das principais indústrias, mas que o elemento

trabalhador, em cada indústria, deve

assumir a fiscalização absoluta das

mesmas, organizando-se em forma de

sindicatos. Com este processo evitam-se os

prejuízos da intervenção burocrática.

Uma cara e difícil

subida do preço da farinha

ALDEIA NOVA DE S. BENTO, 26. — Tinhamos noticiado que a Associação dos Trabalhadores Rurais lhe rai para protestar contra a subida do preço da farinha de 2546 para 2590. Esta subida só durou três dias por haver alguém de bom critério que se opôs que a fábrica de moagem por irrição denominada o Futuro da Aldeia Nova, tivesse por diana tam descarado roubo. Em virtude dessa resolução os rurais não protestaram, aguardando oportuna oportunidade para reclamar mais salário.

Em Viana do Castelo

Sebastião Diogo, negociante de Afife,

recebeu há dias um vugio de milho

clandestinamente e continua recebendo

em menores quantidades outras remessas

do mesmo cereal. Consta naquela

freguesia que é para vender nos

meses de março e abril aos famintos pelo

barbáro preço de 6800 cada alqueire (14

quilos). Além disso dizem que, como

esse indivíduo tem alambique em

casa, o está queimando para fazer alcool.

Seria bom que as autoridades fiscais

fizessem o caso e, vissem se o dito cratista

para vender para o que queimar.

A careta em Rezende

José Augusto de Sá, de Rezende, escreve-nos indignadíssimo contra a alta

maravilhante do preço dos gêneros, origi-

nação da fábrica de moagem por irri-

ção denominada o Futuro da Aldeia Nova,

tivesse por diana tam descarado roubo.

Em virtude dessa resolução os rurais

não protestaram, aguardando oca-

sionalmente para reclamar mais salá-

rio.

As cinzas de Goya

MADRIS, 26.—Verificou-se no cemitério de Santo Isidro a exumação dos restos de Goya, que foram trasladados para a capela de Santo António de Flora. Assistiram à cerimónia: o sr. marquês de Torrejón, representante do rei, o sub-secretário da Instrução, os diretores das Belas Artes, do Museu de Pintura, o sr. Romanones, Beliure, Sarría e muitos outros artistas.

Um dia de festa

Redação e administração - Calçada do Combro, 22-A, 2.
Lisboa - PORTUGAL

Enc. teleg. Tchalle - Lutec - Telefone: 1

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

NA DEMOCRACIA "YANKEE"

A PERSEGUICÃO DOS TRABALHADORES

Os Soviéticos perante a opinião inglesa

REVELAÇÕES SENSACIONAIS

O depoimento do coronel Malone

No mesmo dia em que Lloyd George reconhecia em Londres o fracasso da intervenção na Rússia, o deputado e coronel Malone, portador de propostas de paz idênticas às que da Rússia trouxeram Bullitt, declarava em Portsmouth que "se o povo inglês soubesse a história interior da Rússia, levantaria-se em revolta".

Efectivamente, o Daily Herald do dia 11 inseria o texto dessa resposta, na qual o Governo dos Soviéticos, depois de registrar que nem um convite recebera, se declarava pronto a encetar negociações para a paz, e a público esse documento.

Effectivamente, o Daily Herald do dia 11 inseria o texto dessa resposta, na qual o Governo dos Soviéticos, depois de registrar que nem um convite recebera, se declarava pronto a encetar negociações para a paz, e a público esse documento.

Effectivamente, o Daily Herald do dia 11 inseria o texto dessa resposta, na qual o Governo dos Soviéticos, depois de registrar que nem um convite recebera, se declarava pronto a encetar negociações para a paz, e a público esse documento.

Effectivamente, o Daily Herald do dia 11 inseria o texto dessa resposta, na qual o Governo dos Soviéticos, depois de registrar que nem um convite recebera, se declarava pronto a encetar negociações para a paz, e a público esse documento.

Effectivamente, o Daily Herald do dia 11 inseria o texto dessa resposta, na qual o Governo dos Soviéticos, depois de registrar que nem um convite recebera, se declarava pronto a encetar negociações para a paz, e a público esse documento.

Effectivamente, o Daily Herald do dia 11 inseria o texto dessa resposta, na qual o Governo dos Soviéticos

AS 8 HORAS DE TRABALHO

Infâncias dos industriais

O que se está passando na classe textil sobre o não cumprimento das 8 horas de trabalho, é vergonhoso, inaudito e irrisório. Os industriais tecem em não cumprir a lei e desprezam-na descaradamente, não duvidando em martirizar, perseguir e tiranizar operários e operárias indefesos e inexperientes dos mais rudimentares princípios da vida sindical. Mas estes senhores de roça que consideram os operários como escravos atrelados ao carro do capital e ás leis, que não lhes são afetos como uma causa inútil e desprezível, devem ser tomados como réus e por tal fato condenados severamente. Assim, tem este sindicato conhecimento de que na fábrica de algodões em Xabregas (antiga Black) uma semana antes da publicação do regulamento das 8 horas, o director-gerente Nunes dos Santos, na crença de que a lei eraposta de parte, fez um pequeno aumento de 25%; mas assim que a lei entrou em vigor, retirou esse aumento, excepto aos empregados, outro tanto não sucedendo aos jornaleiros, a quem não só foi retirado, como ainda a algumas lhes tem diminuído as duas horas que a lei obriga a pagar, e nestes casos só algumas crianças de 11 anos, que estão fora da lei de proteção aos menores e as mulheres, que ganham a insignificância de 14 centavos por dia, descontando-lhes a inqualificável e ridícula importância de meio centavo. No último sábado despediu um operário por não concordar com o desconto.

Actos como estes, não devem ficar impunes. A Associação vai-se informar de todas estas ocorrências e vai intervir com grande energia, tanto na defesa dos operários, como no cumprimento da lei das 8 horas. Na última assemblea foram nomeados para fiscais da lei os seguintes camaradas: Luís Duarte Lopes, Manoel Castanhinha, Alexandre Tomás, José Barata, João Pires, David de Jesus, Manuel Monteiro, João Marques, Carlos João e Leopoldino de Figueiredo. Resolvem mais avistar-se com o ministro do trabalho sobre as 8 horas e o não cumprimento.

Em breve realizar-se-há um comício público sobre a desgraçada situação da classe textil.

No atelier Lopes de Sequeira.

Em consequência do reacionarismo da encarregada deste atelier, não sabemos a razão, porque continua a não ser cumprido o horário de trabalho; não fazendo sentido que no estabelecimento do referido proprietário o seu pessoal cumpra a lei e as pobres costureras que tem a infelicidade de ter por mestra uma criatura que não tem consideração alguma para as operárias a seu cargo, tão comparticipar da mesma regalia. Chamamos a atenção para o sr. Lopes de Sequeira que tão carinhoso, por vezes, se mostra para com as empregadas que tem no seu estabelecimento, para que alargue as suas vistas para o pessoal do mesmo atelier.

Para este caso chamamos também a atenção da Associação das Costureiras Operárias confeteiros e pasteleiros.

Esta classe votou a greve geral pelo motivo dos proprietários das costureiras e pastelarias não acatarem a lei das 8 horas, obrrigando-a a trabalhar 10 e mais horas, e suprimindo-lhe regalias que a mesma usufruía.

EM CASCAIS

As transgressões continuam

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Comarada redactor. — Verdadeiramente sensibilizado, passo a descrever ao meu bom amigo, a mancira assas escandalosas como é aquí cumprida à lei que estabelece a jornada das 8 horas de trabalho, pela classe patronal, devendo à inércia da autoridade administrativa.

Os comerciantes abrem as portas dos seus estabelecimentos às horas que muitos bem lhes apetece.

Ainda hoje, por exemplo, vi abrir as portas de alguns estabelecimentos às 8 horas e meia, e se alguns as abrem às 9, já antes dessas horas os seus empregados estão fartos de trabalhar, o que sucede também depois de encerrados os mesmos!

Nesta parte não devo só condenar os patrões nem as autoridades pelo desrespeito a uma lei do país, porque aquelas tem sempre em mira ferir os interesses e regalias dos que trabalham e estas só fazem força para meter nele cedência todos os que são vítimas e que se revoltam contra as iniquidades da actual sociedade, mas sim também as próprias vítimas, principalmente nesta localidade, por não terem força para se manifestar em prol de uma causa que é só sua!

Os industriais das fábricas de conservas não são menos desobedientes à lei, pois que estes caçaveiros não temem pôr em obrigar menores a trabalhar 10 e mais horas, esquecendo-se, porém, segundo diz a lei — que só os adultos são permitidas as horas suplementares.

Um destes dias foi despedido da fábrica em que trabalhava, o conhecido militante operário e denodado defensor da dia máximo de 8 horas, nosso amigo Lino da Costa Drago, sob o pretexto de a sua avançada idade o inibir de trabalhar...

Como isto tudo nos revoltou! Avante, proletários, pelo dia máximo de 8 horas de trabalho! — U. S. R.

EM EVORA

O operariado resolve defender a sua acção directa o novo horário

EVORA, 29.—As classes da construção civil de Evora reuniram em assemblea geral para apreciar o regulamento do decreto n.º 5516, rendas de casas e cestas da vida, resolvendo tomar como nulas as resoluções do congresso patronal, pela ausência de critério social e económico e defender pela acção directa o dia máximo de 8 horas, dando incondicional apoio à União dos Sindicatos Operários, legítima e única representante do operariado de Evora.

Sobre a cestaria da vida constataram que é a consequência da organização burguesa e que só desaparecerá pela eliminação do regime comercialista.

Isto é muito interessante! Mas quan-

Theatro São Luiz

RÉCITA DE GALA

A engracadíssima revista
O PÉ DE MEIA
ampliada com o novo quadro
O Rocio
Vão esta noite ao Rocio...
(E claro, só do Pé de Meia
Pois o outro agora enlameia
E faz por lá muito frio).
Vão lá ouvir as facécias
Do Tolentino e Bocage;
Do e ridículo traje
Do pernaleto das secas.
Vão ver-lhes as transformações,
Em sítiofogo! Higela,
De Pedro o Cru, ao Cambés,
Do Nicola à Brasileira.
O mais evocativo espetáculo da
HISTÓRIA PORTUGUESA!

do lhes dá para perseguir ou atacar as classes produtoras, não precisam de leis nem delas fazem caso, basta as espadas, as carabinas e as masmorras!

Todo o operariado se manifestou energeticamente contra a mistificação de se pretender transformar em dez horas o dia normal de trabalho, com a regular execução das duas horas suplementares o administrador mostrando-se sinceroamente ser imparcial, propoz-lhes que trabalhassem mais algumas horas.

— No dia vinte do corrente a autori-

dade administrativa convocou uma reunião de industriais e comerciantes para resolvê-los, sem prejuízo para elas, a questão do horário do trabalho. Como a melhor forma de obter aquele resultado era ficarem como estavam, de cerca de trezentos apareceram ao todo uns quatro indivíduos, dos por cada classe. E já não foi pouco!

A única lei que mais ou menos beneficiava os trabalhadores não se cumpre porque afecta os burgueses! Então tudo isto não passa de uma burla e uns miseráveis farraps. — G.

EM CHAVES

Autoridade modelar...

A União O. Trasmontana enviou ao administrador do conselho o seguinte ofício:

Tinha resolvido esta colectividade ir perante à V. protestar contra a forma como está sendo cumprida a lei que estabelece as 8 horas de trabalho. Não podendo fazer ontem, visto não se encontrar aos domingos nos paços do concelho e nos áos dias de trabalho não termos tempo suficiente para o cabal desempenho desta missão, resolvem por esta forma manifestar mais uma vez o seu descontentamento e desacordo, como é interpretada a referida lei.

Parece-nos que no que se refere a delegados, houve da parte de V. uma arbitrariedade, pois a lei só reconhece esse direito às associações, tanto patrões como de classe.

Como se compreende se é assim que temem já nomeado os delegados operários sem ser consultada a respectiva associação? E' por não termos os nossos estatutos aprovados? Mas V. sabe que elas há muito estão lá para o governo e que portanto não temos culpa desta falta.

Vê-se, claramente que houve o malefício intuito de não ligar importância a esta colectividade, o que pouco nos importa e nada nos prejudica desde que a lei seja cumprida tanto quanto possível.

As horas suplementares como são pagas e qual o seu numero durante a semana?

Os delegados fiscais do regulamento como intervêm em caso de desrespeito à lei?

Muito desejariamos que V. nos desse a conveniente resposta.

A resposta é edificante:

Em resposta à sua carta desta, cumpr-e-me dizer que como administrador do concelho só aos meus legítimos superiores sou obrigado a dar explicações dos meus actos oficiais. — C.

EM PENAFIEL

Decreto ou burla?

PENAFIEL, 25.—Ainda não é conhecido aqui o decreto do horário máximo das 8 horas de trabalho. Tanto no interior como no comércio, continuam os operários trabalhando de sol a sol, e tanto nas oficinas, como em suas casas os sapateiros, alfaiates etc., a fazer serão até às 22 e 23 horas, e o comércio a abrir às 7 e fechar às 21 e meia e 22 horas. Já no dia 19 a Associação de Classe dos Operários Fabricantes de Calçado oficiou ao administrador do concelho para que este fizesse cumprir o decreto 5:516. Este não deu resposta alguma, (pois também é merciço) e por isso continuam a desrespeitar a lei. Ora, aqui se conclui que o referido decreto é: mais uma burla que uma satisfação a uma velha aspiração das classes trabalhadoras. — C.

EM PENAEL

Decreto ou burla?

PENAFIEL, 25.—Ainda não é conhecido aqui o decreto do horário máximo das 8 horas de trabalho. Tanto no interior como no comércio, continuam os operários trabalhando de sol a sol, e tanto nas oficinas, como em suas casas os sapateiros, alfaiates etc., a fazer serão até às 22 e 23 horas, e o comércio a abrir às 7 e fechar às 21 e meia e 22 horas. Já no dia 19 a Associação de Classe dos Operários Fabricantes de Calçado oficiou ao administrador do concelho para que este fizesse cumprir o decreto 5:516. Este não deu resposta alguma, (pois também é merciço) e por isso continuam a desrespeitar a lei. Ora, aqui se conclui que o referido decreto é: mais uma burla que uma satisfação a uma velha aspiração das classes trabalhadoras. — C.

Desastres

Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Ivaristu Inácio, de 28 anos, solteiro, servente de pedreiro, residente no Largo do Rio Seco, 21, loja, na residência de sua mulher, e que se achava no seu esquedal.

Lourino dos Reis Sabido, de 37 anos, carpinteiro, travessa da Torre à Ajuda, que na rua 24 de Julho foi colhido pelo carroça que guinava, ficando ferido na perna direita.

— No posto da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, foram pensados, segundo para casa, Amâncio Marques, 30 anos, estivador, calçada da Bica Grande, 25, 3a que no dia 21 de Julho, no seu esquedal.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.

— Francisco Morgado, de 39 anos, trabalhador, morador na ria das Fontes Gerais, no Costa do Castelo, foi colhido pela morte dum carroça.